

Índice

Holanda: aulas de paternidade para evitar o divórcio.....	1
WikiTribune: jornalismo de colaboração contra a pós-verdade	2
Uma parede na família contra a pornografia	3
“La imparable marcha de los robots”	3

Holanda: aulas de paternidade para evitar o divórcio

A preocupação com os efeitos do divórcio nos filhos levou vários municípios holandeses a avançar com cursos gratuitos para mães e pais que o são pela primeira vez, com a ideia de os ajudar a enfrentar as dificuldades da criação dos filhos. Um dos exemplos piloto foi disponibilizado há alguns meses pelo município de Amersfoort, cidade do leste da Holanda.

“Insistimos em que o casamento não é apenas um assunto privado”, explicou Ron van der Spoel na reunião do município. Referia-se à frase com a qual os seus colegas recusaram a sua proposta em 2015. Insistiu que “isso é política de avestruz. A culpabilidade que cria [o divórcio] afeta toda a sociedade. Os cursos não são uma terapia, mas uma mão que oferece a autoridade a título de ajuda”.

Um ano foi o que levou Van der Spoel a conseguir o apoio dos seus colegas. Assim, um grupo de trabalho encabeçado pelo vereador dos assuntos sociais e um representante do Instituto holandês para a Juventude desenhou o curso, que arrancou. Existem outros parecidos em cidades como Alkmaar e Eindhoven.

Um dos impulsionadores desta medida preventiva é o professor da Universidade Livre de Amesterdão, Maarten van der Linde, psicólogo e autor de um livro para futuros pais, que apareceu como *e-book* e posteriormente em papel.

“As investigações científicas mostram que, neste tema, nunca se atua demasiado cedo”, defende Van der Linde. “Depois do

nascimento do primeiro filho, quando o casal passa a ser formado por pai e mãe, pode diminuir o entusiasmo na relação. Há casais que arrastam problemas durante seis anos e então começam a pensar numa solução. Mas já é tarde”.

Os últimos números publicados pelo Ministério da Justiça e Segurança, relativos a 2015, falam de 36 000 divórcios, que afetam 70 000 crianças. Dos casais que se divorciam, 5200 não concordam com as decisões do juiz relativas aos filhos, como a custódia ou o domicílio, e o Conselho de proteção de menores tem de intervir. Em 22 % dos acordos em que existe desacordo, acaba por se efetuar uma investigação para garantir o bom desenvolvimento dos filhos. A Holanda conta com uma população de 17 milhões de habitantes.

Os cursos para pais jovens pretendem evitar o divórcio, com o argumento de que o dano que causa aos filhos é incalculável e, no pior dos casos, irreparável. Na pragmática Holanda há, além disso, outro argumento: o problema é passado aos cidadãos através dos impostos. Mas é o primeiro motivo o que mais peso tem na opinião pública.

Na implementação dos cursos tiveram influência, em grande parte, os blogues e as redes sociais, onde pais e mães relatam as suas experiências. Um comentário frequente é que separar-se é melhor do que divorciar-se; entre outras coisas, porque, uma vez concluído o divórcio, já não há recuo. A consolidação destes cursos pode ser uma ferramenta para que mais casais alcancem o sonho que tinham ao casar-se: contigo para toda a vida.

C. M.

WikiTribune: jornalismo de colaboração contra a pós-verdade

No clima de pós-verdade que alguns analistas consideram próprio da nossa época, o “WikiTribune” quer ser um antídoto contra a manipulação informativa. Para Jimmy Wales, fundador da Wikipédia, a melhor forma de assegurar a objetividade da informação é envolver “a comunidade”. Por isso, apresentou o “WikiTribune”, um *site* de notícias *online* baseado na filosofia da enciclopédia digital mais famosa do mundo.

Segundo os planos de Wales, o “WikiTribune” será formado por um grupo reduzido de jornalistas profissionais – dez ou vinte, cujos salários pretende cobrir com uma campanha de financiamento – e pelo maior número possível de colaboradores voluntários, que terão capacidade para editar as notícias e apoiarão a iniciativa com as suas contribuições mensais. Todos os conteúdos serão acessíveis a toda a gente (não haverá muro de pagamento), e a página não integrará anúncios.

Os jornalistas profissionais – já foram contratados cinco – serão os encarregados de redigir os artigos: em princípio, apenas notícias ou análise, não opinião. Também irão supervisionar as mudanças no texto. Os colaboradores, por seu lado, poderão editar os artigos, ao estilo da Wikipédia. A sua tarefa é vigiar para que os dados ou factos publicados sejam verdadeiros, não tenham sido retirados do contexto, estejam atualizados, e seja utilizada uma linguagem neutral e objetiva. Tanto uns como outros se comprometem a apresentar sempre as fontes utilizadas, de maneira a que qualquer pessoa possa chegar facilmente a elas.

Wales explica que a iniciativa pretende “consertar” uma imprensa “quebrada”. Segundo a sua análise, as causas para esta crise são várias: a difusão de notícias falsas; as bolhas de opinião favorecidas por redes sociais que oferecem ao utente informações preferencialmente da sua própria tendência ideológica; a ditadura do *clique*, que leva muitos meios de comunicação a publicar conteúdos mórbidos e irrelevantes do ponto de vista noticioso; ou a pouca disponibilidade de grande parte do público para pagar por um jornalismo de qualidade.

O modelo do “WikiTribune” quer responder a estes problemas. Ao prescindir da publicidade, elimina-se a dependência do *clique*. Teoricamente, a abordagem “objetivista” (com a ausência de opiniões) seria uma vacina contra a manipulação ideológica das informações; e a existência de jornalistas profissionais, e de uma legião de “comprovadores” que vigiam os seus textos, garantiria a veracidade dos dados.

Não é a primeira vez que se lança um meio jornalístico de colaboração. Como conta [Adrienne LaFrance](#) em “The Atlantic”, Pierre Omidyar, fundador do Ebay, lançou o “Peer News” em 2010. Além das informações propriamente ditas, a *web* incluía páginas por temas. Os colaboradores podiam editá-las, embora os jornalistas gerissem as alterações. Em teoria, era uma ideia brilhante. No entanto, LaFrance, que participou no projeto, explica que a diminuta redação (uns dez jornalistas) não conseguia lidar com tanto trabalho. O resultado foi que a atualidade escapava-lhes das mãos.

Com esta experiência em mente, LaFrance questiona a viabilidade do “WikiTribune”. Além da escassez de pessoal, o projeto de Wales levanta outros problemas, que derivam do seu caráter de colaboração. Por um lado, trata-se do problema dos recursos: um “jornalista” *amateur* não dispõe do tempo nem da rede de contactos que às vezes é necessária para verificar uma informação. Além disso, pode acontecer que nem todos os voluntários atuem de boa fé, imunes a qualquer interesse ideológico. Por outro lado, se tiverem capacidade para determinar os temas de investigação, em função dos seus interesses, a independência editorial e o critério da relevância informativa podem ver-se afetados.

Outro assunto tem a ver com o estilo. Como explica [Andrew Lih](#), autor do livro “The Wikipedia Revolution”, já em 2004 Jimmy Wales havia lançado um projeto “enciclopédico” aplicado às notícias, o “WikiNews”. No entanto, foi um fracasso. Segundo Lih, o modelo de colaboração da Wikipédia funciona bem para um tipo de texto formal e descritivo, no qual a escrita a quatro, seis ou oito mãos não afeta a coerência narrativa. Pelo contrário, contar bem determinados factos (com o seu contexto, suscitando o interesse do leitor) e em pouco tempo não é assim tão fácil, pois exige competências puramente jornalísticas.

Não obstante, algumas iniciativas de jornalismo de colaboração tiveram sucesso. O caso paradigmático é o “De Correspondent”, um meio *online* nascido em 2013 com sede em Amesterdão, e que publica conteúdos em neerlandês e inglês. Tal como o “WikiTribune”, é financiado exclusivamente com as contribuições dos seus membros, que já superam os 56 000. O “De Correspondent” orgulha-se de não prestar demasiada atenção às últimas novidades, para se centrar na análise das tendências.

Também procura a colaboração dos seus membros, mas sem que esta afete a independência editorial. Os jornalistas anunciam os temas da sua investigação numa plataforma onde também se encontram os assinantes, e estes podem avançar a sua experiência sobre algum assunto em particular. Além disso, à medida que o artigo se vai construindo, recebem informação sobre o seu desenvolvimento. Influenciam igualmente a política de investimentos da empresa.

Um aspeto em que o “De Correspondent” e o “WikiTribune” se apresentam como antagónicos é o da procura da neutralidade. A receita de Wales contra as *fake news* ou a manipulação ideológica parece ser: dados, dados, dados. Objetivos.

Comprováveis. Pelo contrário, a do jornal holandês poder-se-ia resumir numa palavra: independência.

Enquanto que a *web* do "WikiTribune" adota o ideal da "informação baseada na evidência", o [manifesto](#) do "De Correspondent" defende a "subjetividade explícita e transparente" dos seus jornalistas. Por outras palavras, devem ser justos e retos, mas não neutrais. "Como organização, não temos uma ideologia política comum; como indivíduos, observamos o mundo através de um prisma moral".

Ambas as abordagens, a da objetividade e a da independência, representam formas diferentes de enfrentar a manipulação na imprensa. A de Wales é mais ambiciosa, e talvez demasiado idealista, tanto no seu método de trabalho como no seu objetivo de conseguir uma total neutralidade com base nos dados. Contudo, o relativo sucesso da Wikipédia quanto à veracidade da informação (o tema do financiamento não tem corrido tão bem) demonstra que uma comunidade envolvida e séria pode ser um grande aliado da verdade nos meios de comunicação.

F. R.-B.

Uma parede na família contra a pornografia

A pornografia ataca cada vez mais cedo, e tem de se madrugar para a parar e combater os seus efeitos. Segundo o Dr. Thomas Lickona, especialista em Psicologia do Desenvolvimento, os rapazes britânicos e norte-americanos são expostos pela primeira vez a imagens pornográficas aos 11 anos. "Isto significa – explica ao [Family and Media](#) – que a educação e a prevenção devem aplicar-se a partir da escola primária, para evitar cumplicidades e dependências precoces".

O papel fundamental é o da família, salienta Lickona. "Se descobrimos que os nossos filhos já acederam a material pornográfico, acidental ou intencionalmente, a primeira coisa a fazer é compreender, escutar como aconteceu, e explicar, com carinho mas muito claramente, os motivos porque a pornografia é algo mau e prejudicial, e como evitá-la no futuro. (...) As crianças que viram intencionalmente material pornográfico podem reagir com vergonha e sentimento de culpa quando os seus pais descobrem isso. É uma resposta normal (...) A nossa tarefa como pais é ajudar uma criança a ir mais além deste sentimento de culpa e de vergonha, e fazer um plano concreto para evitar este tipo de comportamentos no futuro".

É importante, nesse sentido, apresentar as razões sobre quão nocivos são os materiais pornográficos: explicar-lhes que a

pornografia trata as pessoas como objetos em nome de um falso prazer sexual; que separa o sexo do amor e apresenta uma imagem falseada da sexualidade; que provoca um comportamento de dependência, do qual é difícil sair, e que, em determinado momento, pode reduzir a capacidade da pessoa para ter uma relação sexual normal com outra.

"Precisamos de dar aos nossos filhos sólidas razões de modo a salvaguardar a sua intimidade sexual para o casamento. Podemos utilizar frases do tipo 'a intimidade sexual é muito importante, e faz parte de algo mais belo e grande. E é um dom que recebemos de Deus para o oferecer à/ao que será a nossa companheira/companheiro para toda a vida'".

Além deste necessário trabalho de persuasão, o Dr. Lickona aconselha os pais a supervisionar a atividade dos seus filhos na *web* e instalar no computador sistemas de controlo parental na Internet. Igualmente, sugere aos progenitores que vejam os videojogos com que se entretêm os seus filhos e que lhes fixem um limite de tempo. Na mesma linha, devem evitar que os filhos visualizem filmes onde apareça conteúdo sexual explícito – "existem muitos sítios de orientação, como, por exemplo, o [Screenit](#) e o [Kidsinmind](#)" – e deixar claro que para fazer *download* de materiais da *web* se tem de contar com a autorização dos pais.

"La imparable marcha de los robots"

Autor: Andrés Ortega
Alianza. Madrid (2016)
288 págs.

A robotização do emprego, do lazer, das finanças ou da educação é uma tendência imparável. E não só está a modificar os nossos locais de trabalho e hábitos de consumo; cada vez mais as máquinas têm influência, no que fazemos, no que pensamos, no que somos. A *robotização*, na opinião de Andrés Ortega, exige uma reflexão antropológica, e não simplesmente técnica, sobre a nossa relação com as máquinas.

Os robôs estão cada vez mais próximos do ideal da inteligência artificial. O aperfeiçoamento dos algoritmos juntamente com o aumento do volume de dados disponíveis – os [big data](#) – já levou a alguns resultados espetaculares e, por vezes, certamente inquietantes. Por exemplo, os *brokers* robotizados, que em décimas de segundo analisam e tomam decisões de investimento que podem afetar o comportamento geral dos mercados; ou os *bots*, programas informáticos que imitam o comportamento humano na Internet, e que segundo alguns se encontram por detrás da difusão de grande

quantidade de desinformação com intenções políticas (*fake news*).

Capítulo à parte merece a robotização da guerra. O que se passaria se se equipasse os drones com mecanismos (algoritmos e dados) que lhes permitam reconhecer perigos e atuar por sua conta contra ameaças reais ou potenciais? A quem se teria de atribuir a responsabilidade moral dos possíveis erros? A resposta para estas perguntas começa a ser premente, dado o desenvolvimento da inteligência artificial no âmbito militar.

Não obstante, o capítulo mais interessante do livro, pela atualidade do tema, é o dedicado à robotização do trabalho. Embora acolha os argumentos dos “tecnotimistas”, Ortega parece inclinar-se pelos que pintam um quadro mais escuro: perda líquida de empregos (e não apenas no setor da indústria), esvaziamento da classe média trabalhadora, maior desigualdade de rendimentos, concentração dos meios de produção em poucas mãos, etc.

O livro apresenta mais perguntas do que respostas, em parte porque as consequências precisas desta [segunda era das máquinas](#) são ainda indecifráveis mesmo para muitos gurus das tecnologias. Entretanto, este ensaio é muito interessante para uma aproximação à poliédrica realidade da robotização do mundo.

F. R.-B.

